

ELEIÇÕES / Apesar de liderarem as pesquisas de intenção de voto para a Presidência da República, Lula e Bolsonaro apresentam, também, alta taxa de reprovação, índice com potencial para decidir o vencedor da corrida ao Planalto

A rejeição como obstáculo

» TAÍSA MEDEIROS

As eleições que o Brasil vivenciará em outubro pouco têm em comum com o longínquo pleito de 2018. Apesar de, naquele ano, os então postulantes ao Planalto Jair Bolsonaro e **Luiz Inácio Lula da Silva** já dominarem as pesquisas de intenção de voto, a polarização não era tão acentuada quanto agora. Na avaliação de especialistas, diante desse quadro, será eleito como presidente da República o postulante que tiver o menor índice de rejeição.

Ao mesmo tempo em que lideram a atual corrida pelo Planalto, Lula e Bolsonaro sofrem, também, alta taxa de reprovação. A mais recente pesquisa Ipespe para as eleições presidenciais, divulgada no último dia 22, mostra o chefe do Executivo com a maior rejeição entre os eleitores: 61%. Já o petista aparece com 42%.

Por outro lado, Lula e Bolsonaro cresceram nos índices de intenção de voto. Lula passou de 44% para 45%, em relação ao último levantamento. Já Bolsonaro saiu de 30% para 31%.

Para o analista e consultor político Antônio Augusto de Queiroz, o pleito deste ano já nasce diferente por se tratar de uma concorrência direta entre um presidente e um ex-chefe do Executivo. “Vai ser uma disputa de legados e, por isso, não há espaço para a terceira via numa hipótese dessas. Quando a eleição está polarizada desse jeito, diminuir a rejeição é a condição para um candidato sobrepor-se ao outro”, avalia.

Conforme o levantamento do Ipespe, se as eleições fossem hoje, 66% dos votos já estariam

Candidatura rejeitada

Mesmo preso na Operação Lava-Jato, o ex-presidente Lula liderava as pesquisas de intenção de voto, em 2018, e foi lançado pelo PT como postulante ao Planalto. Em 31 de agosto daquele ano, porém, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) vetou a candidatura dele, com base na Lei da Ficha Limpa. O partido, então, o substituiu pelo ex-ministro Fernando Haddad.

Ricardo Stuckert/Instituto Lula e Clauber Cleber Caetano/PR



Vai ser uma disputa de legados e, por isso, não há espaço para a terceira via numa hipótese dessas. Quando a eleição está polarizada desse jeito, diminuir a rejeição é a condição para um candidato sobrepor-se ao outro”

Antônio Augusto de Queiroz, analista e consultor político

Na avaliação de especialistas, Lula e Bolsonaro vão travar uma disputa de legados

definidos. Na pesquisa espontânea — em que o eleitor responde quem escolheria para presidente, sem indicação dos candidatos por parte do entrevistador —, 38% disseram que optariam por Lula, contra 28% que votariam em Bolsonaro.

Na opinião de Queiroz, o fato de que, a seis meses do pleito, um grande número de eleitores afirma que já tomou sua decisão, pode indicar que, no primeiro turno das eleições, haverá um baixo índice de nulos, brancos e abstenções. “Com o cenário muito polarizado, os apoiadores dos candidatos farão questão de

comparecer para demonstrar seu suporte”, pontua. De acordo com o especialista, ganhará o postulante que conquistar o eleitorado de centro, se apresentando como menos radical e que, ao mesmo tempo, consiga transmitir à população esperança e confiança.

Arlton Freres, sociólogo e diretor do Instituto Opinião, define esta eleição como “atípica”. Ele diz acreditar que nunca houve uma polarização tão acentuada como a atual. “Se você voltar para 2018, naquele momento, ainda havia uma situação de não definição da candidatura de Lula, que estava preso. E Bolsonaro era

desconhecido. A realidade, agora, mudou completamente”, destaca.

Freres ressalta que, apesar de a polarização ser negativa para os ânimos no país, se torna estratégica para ambos os candidatos, pois não dá espaço ao crescimento da terceira via. “O Brasil sempre teve um centro democrático, um eleitor que sempre votou num candidato de centro. Isso foi se diluindo com o tempo. O que sobrou desse eleitor, ambos candidatos vão tentar pegar, incentivando o aumento da rejeição um do outro”, frisa. “Nesse cenário, não interessa diminuir a polarização, senão esse eleitor

pode ser determinante na construção de uma terceira via.”

Risco

O fomento da rejeição do adversário será uma estratégia, mas não poderá ser feita sozinha. É o que explica o consultor em estratégia Orlando Thomé Cordeiro. “É condição necessária, mas não suficiente. Estão apostando na rejeição, mas se apresentando como alternativas. Mas, se você trabalha só o sentimento de rejeição mútua, corre o risco de aumentar o afastamento do voto, gerando mais abstenção”, alerta.

Cordeiro enfatiza a possibilidade de que movimentos do petista beneficiem o chefe do Executivo. “Lula pode reeleger Bolsonaro, pois o atual presidente está conseguindo relativizar para seus potenciais eleitores todo o desgaste do governo, em decorrência de que a alternativa que se apresenta para enfrentá-lo é um retorno ao passado que as pessoas não queriam em 2018. A estratégia de Bolsonaro se baseia no antipetismo e na negação da corrupção. Ele consegue pausar todo mundo: a mídia, a oposição. Todos discutem o que interessa a ele”, afirma.

Ciro fala em escaramuça golpista

» RAPHAEL FELICE

Presidenciável pelo PDT, o ex-governador **Ciro Gomes** atacou o presidente Jair Bolsonaro (PL), ao chamá-lo de “bandido” e disparou contra apoiadores do chefe do Executivo que o hostilizaram num evento, na semana passada, em Ribeirão Preto (SP). “Eles começaram a insultar, a agredir, e eu andando, que é o que se recomenda. Faz de conta que não ouviu e sai andando, não tão depressa que pareça covardia nem tão lento que pareça provocação. Eles foram baixos, insultando e chegando mais perto fisicamente”, relatou, na primeira Convenção Nacional dos Cristãos Trabalhistas do PDT, realizada, ontem, em Brasília.

Ciro ressaltou que a tendência é o clima piorar com a proximidade das eleições. “Daqui a pouco, vai ser com vocês (jornalistas), muito pior, porque o que está em massa no Brasil é um escaramuça golpista de natureza fascista, envolvendo generais, por enquanto, de pijama, mas alguns generais da ativa começam a dar opinião sobre o processo eleitoral”, frisou. “Eu vou demarcar um campo contra isso, e não há bandido nazista, fascista, muito menos um bocó, bandidado, como o Bolsonaro, que me iniba.”

O ex-ministro também direcionou críticas ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), líder das pesquisas de intenção de voto. Ele afirmou que não vai “se refugiar na bolha”, como o petista, e disse não cogitar uma retomada de conversas com o PT, pois acredita que avançará ao segundo turno contra o ex-chefe do Executivo. “Eu vou para a rua. Não sou o Lula, não vou me refugiar na bolha. Vou para a rua, vou escalar o morro, vou para favela, vou para a praça pública, e eles que venham. Vamos ver como é que vai ser”, destacou. “Aí, tem um palpite meu. Acho que estarei no segundo turno contra o Lula, então, não haverá entendimento com Lula, porque eu vou derrotá-lo no segundo turno. Meu plano é derrotar o fascismo corrupto do Bolsonaro, no

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Ciro Gomes participou de evento do PDT, em Brasília



Meu plano é derrotar o fascismo corrupto do Bolsonaro, no primeiro turno, e derrotar a demagogia e apologia da ignorância corrupta que o Lula representa, no segundo turno”

Ciro Gomes, pré-candidato do PDT

primeiro turno, e derrotar a demagogia e apologia da ignorância corrupta que o Lula representa, no segundo turno.”

Articulações

O pré-candidato também comentou sobre articulações para alianças políticas. Ele, que vem negociando com o PSD, recebeu elogios recentes do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG). Segundo o ex-governador, a conversa com o partido comandado por Gilberto Kassab é de longa data. Ele recordou que, nos pleitos municipais, apoiou candidatos da legenda.

Na eleição passada, ele apoiou o (Alexandre) Kalil, ex-prefeito de Belo Horizonte. E temos uma boa relação já muito

explícita com o prefeito Eduardo Paes, no Rio de Janeiro, ambos quadros do PSD. Sou amigo do Kassab, que já votou em mim numa dessas eleições que eu concorri à Presidência da República. Tenho tentado mostrar a eles que nós precisamos construir um caminho que não é um conchavo, é a ideia de um amplo e novo projeto nacional de desenvolvimento que reúna os interesses do Brasil. Quero juntar forças para isso”, contou.

A Convenção Nacional dos Cristãos Trabalhistas do PDT é um movimento que visa aproximar o partido de evangélicos e católicos. O evento em Brasília reuniu, ainda, o presidente do partido, Carlos Lupi, e o pré-candidato ao Senado pela sigla Cabo Daciolo.



EDIÇÃO Nº 844 | ANO 47

Boletim informativo das Organizações PaulOOctavio

1º DE MAIO DE 2022 | BRASÍLIA/DF

Informe Publicitário







EVENTO

PATROCÍNIO AO BRASÍLIA BIKE CAMP

A PaulOOctavio e a Bali apoiaram o Brasília Bike Camp, maior encontro ciclístico do Brasil, que movimentou a Granja do Torto entre os dias 21 e 24 de abril. Mais de 50 mil pessoas passaram pelo local para a disputa de provas das mais diversas modalidades e atividades relacionadas à prática do esporte. Um passeio com um trajeto de 15 km fechou o Brasília Bike Camp.

As práticas desportivas recebem apoio há anos das empresas que integram as Organizações PaulOOctavio, por serem ações que afastam os jovens da criminalidade e das drogas. Além disso, o uso da bicicleta como meio de transporte auxilia no melhor deslocamento na cidade, conjugando um trânsito racional com a promoção da saúde.

Os residenciais erguidos pela PaulOOctavio sempre contemplam áreas para estacionamento das bicicletas e várias ações sociais, como a sinalização do Parque Olhos d'Água, ajudando a educar a boa convivência de pedestres, ciclistas e motoristas, para que todos sejam mais respeitados no trânsito, já que Brasília propicia esta convivência harmônica entre os diversos modais de transporte.

www.paulooctavio.com.br